

Estão melhorando as perspectivas da economia. De repente, o noticiário ganha um tom bem mais otimista, com inflação menor que a esperada, crescimento mais equilibrado, exportação em alta e projeções de saldo comercial menos desfavorável. O diretor de Política Monetária do Banco Central, Francisco Lopes, já projeta equilíbrio na conta de comércio para dentro de dois ou três anos. A previsão pode ser excessivamente otimista, mas não é sem fundamento. O Banco Mundial divulga um cenário animador para 2020, quando o Brasil, segundo técnicos da instituição, poderá ter um peso bem maior que o de hoje na economia global. São avaliações sujeitas a confirmação e dependentes de muitas condições, mas se baseiam em projeções de tendências que nem todos são capazes de perceber. Tanto os novos dados quanto as novas projeções contrastam com a ansiedade observada, há mais de um mês, no mercado de capitais. A oscilação nas bolsas pode ser explicada, em parte, como ajuste de preços depois de prolongada valorização. Em Nova York tem ocorrido algo semelhante, com reflexos no mercado brasileiro.

ESTADO DE SÃO PAULO

Expectativas otimistas

15 SET 1997

Além disso, a instabilidade, tanto no exterior quanto no Brasil, ainda está associada à crise na Ásia, um episódio não superado totalmente. Se as cotações, nas bolsas, dependessem apenas da situação nacional, poderia prever-se uma relativa calmaria, afetada somente por alguns acertos técnicos.

O aumento da exportação, especialmente de manufaturados, foi a melhor novidade no setor externo. Setores industriais de peso voltam a ganhar poder de competição no mercado internacional. É o resultado visível não só de investimentos privados, mas também de alguma redução do chamado custo sistêmico. Têm ocorrido pequenas melhorias na tributação e nos custos portuários, por exemplo. As mudanças mal começaram. Mas o cenário está-se alterando e, a cada dia, torna-se mais improvável um retrocesso.

Outro dado positivo é que a despesa com produtos importados começa a subir mais lentamente. Diante do novo quadro, técnicos da Confederação Nacional da Indústria já admitem, para este ano, um déficit comercial até menor que US\$ 10 bilhões. Essa expectativa é reforçada pela revisão, para menos, da conta de importações. O déficit

comercial, de toda forma, ainda será considerável, mas a tendência será de um comércio menos desequilibrado.

O crescimento puxado pela construção e pelo investimento, mantida a tendência dos últimos dois ou três meses, também será mais seguro. A expansão econômica será menos dependente da importação e, ao mesmo tempo, mais orientada para a competitividade. Se a direção não mudar,

será um movimento mais sustentável que o dos primeiros três anos do real. Além disso, poderá resultar em mais empregos, a curto prazo, graças à construção habitacional e às obras de infra-estrutura.

A inflação em baixa tende a reforçar a segurança. Vários indicadores de preços têm caído em termos absolutos, durante várias semanas. Não se pode, a rigor, falar em deflação, porque ainda sobra, em termos anuais, um crescimento de preços da ordem de 5%. Há espaço, portanto, para alguma acomodação adicional. Isso deve refletir-se não só no bem-estar dos consumidores, mas também no co-

mércio exterior. A baixa da inflação facilitará o ajuste cambial. Se o governo mantiver a desvalorização no ritmo habitual, em torno de 0,6% ao mês, a variação real do câmbio tenderá a crescer. O efeito dependerá, em parte, da contenção de preços dos bens e serviços não comerciáveis. Esses preços foram os de maior crescimento desde o surgimento do real. Entre eles se incluem custos importantes para a competitividade, como as tarifas de energia elétrica e de telecomunicações e os preços dos combustíveis.

Alguns dos principais indicadores, portanto, convergem para o rumo certo. Quanto mais pronto o ajuste, menos vulnerável será a economia a turbulências do mercado internacional. Assim também, quanto mais velozmente se equilibrem as contas públicas, mais facilmente crescerá a capacidade de investir. Embora venha aumentando, um investimento equivalente a 16,5% do Produto Interno Bruto ainda é baixo. O desequilíbrio das contas do governo continua a ser o principal entrave à formação de capital para o crescimento.

O noticiário econômico começou a refletir uma situação geral de otimismo no País